



O dialogismo e o plurilinguismo nas reportagens e nas cartas enviadas ao jornal da tarde, em *Capitães da Areia*

Dialogism and multilingualism in the reports and letters sent to the *Jornal da Tarde* in the Novel *Capitães da Areia*

Amanda Gomes Cruz

<https://orcid.org/0000-0002-9748-179X>

Lucélia de Sousa Almeida

<https://orcid.org/0009-0000-6573-4775>

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar o dialogismo e o plurilinguismo nas reportagens e nas cartas enviadas ao *Jornal da Tarde*, presentes na obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, evidenciando como os enunciados dialogam entre si e revelam diferentes construções ideológicas. Especificamente, busca-se identificar o entrecruzamento das vozes sociais nas reportagens e nas cartas que compõem a estrutura do romance, verificar de que modo as posições sociais influenciam a construção e as interações discursivas das personagens e explorar as características dialógicas dos enunciados presentes na narrativa. Como aporte teórico, utilizaram-se as contribuições de Bakhtin (2010, 2012) e Fiorin (2006), sobre dialogismo e plurilinguismo no romance, e de Candido (2000), sobre literatura e sociedade, entre outros. A metodologia adotada consistiu em uma revisão bibliográfica, de cunho explicativo-exploratório e abordagem qualitativa. Os resultados obtidos demonstram que, nas reportagens e nas cartas enviadas ao *Jornal da Tarde*, é possível identificar uma multiplicidade de vozes sociais elaboradas a partir de diferentes posições socioideológicas, em que as personagens se apropriam das vozes alheias e dialogam diretamente por meio de discursos responsivos, relacionados aos contextos extraverbais e às posições valorativas das personagens envolvidas.

Palavras-chave: Dialogismo; Plurilinguismo; Vozes; Ideologia; *Capitães da Areia*.

Abstract: This study aims to analyze dialogism and plurilingualism in the news reports and letters sent to the *Jornal da Tarde*, present in the novel *Capitães da Areia* by Jorge Amado, highlighting how the utterances engage in dialogue and reveal different ideological constructions. Specifically, it seeks to identify the interweaving of social voices in the reports and letters that compose the structure of the novel, examine how social positions influence the construction and discursive interactions of the characters, and explore the dialogic features of the utterances in the narrative. The theoretical framework is based on the contributions of Bakhtin (2010, 2012) and Fiorin (2006) on dialogism and plurilingualism in the novel, as well as Candido (2000) on literature and society, among others. The methodology consisted of a bibliographic review, with an explanatory-exploratory nature and a qualitative approach. The results show that, in the reports and letters sent to the *Jornal da Tarde*, it is possible to identify a multiplicity of social voices stemming from different socio-ideological positions, in which the characters appropriate the voices of others and engage in direct dialogue through responsive discourses that relate to extraverbal contexts and to the evaluative positions of the characters involved.

Keywords: Dialogism; Plurilingualism; Voices; Ideology; *Capitães da Areia*.



Introdução¹

A língua é um elemento vivo de interação; portanto, é social. Assim, por ser construída linguístico-socialmente, classifica-se como dialógica. Essa dimensão social da linguagem, segundo Bakhtin (2010a, p. 328), determina que os enunciados só adquirem sentido nas relações entre o “eu” e o “outro” e que cada enunciado comporta as vozes do outro, marcadas ideologicamente, culturalmente e historicamente.

A linguagem sempre carrega um sentido ideológico, construído a partir de sua relação com o contexto. Essas reflexões sobre a linguagem adentram as estruturas do romance, pois, para Bakhtin (2010b, p. 113), esse gênero é dialógico e plurilinguístico, ou seja, apresenta uma diversidade de vozes sociais que interagem verbal e socialmente dentro da narrativa. Já Candido (2000, p. 30) afirma que o meio social exerce grande papel na construção do objeto literário, sendo necessário entender que a sociedade se organiza por meio de uma pluralidade social e que a linguagem está intrinsecamente ligada ao contexto de produção. É preciso, pois, levar em consideração as relações dialógicas entre meio e obra.

Nesse contexto, na obra *Capitães da Areia*, um romance modernista publicado em 1937 por Jorge Amado, o autor faz diversas críticas sociais à sociedade e ao governo de Salvador. O romance apresenta uma reflexão sobre a marginalização de menores, o abandono dos adolescentes pelo governo e pela sociedade, as condições de vida precária das classes menos favorecidas, a falta de educação e de oportunidades para os jovens, entre outros temas. Além disso, destaca-se pela utilização de uma diversidade de recursos linguísticos que revelam uma complexidade de relações sociais, ideológicas e culturais.

Este trabalho busca analisar os aspectos do dialogismo e o plurilinguismo nas reportagens e nas cartas enviadas ao *Jornal da Tarde*, evidenciando como os enunciados dialogam entre si e mostram diferentes construções ideológicas. Ainda, objetiva-se analisar o entrecruzamento das vozes sociais, verificar como as posições sociais influenciam a construção e as interações discursivas das personagens, e explorar as características dialógicas dos enunciados presentes

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

na narrativa. Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizaram-se como aporte teórico as contribuições de Bakhtin (2010, 2012) e Fiorin (2006) sobre dialogismo e plurilinguismo no romance, e de Candido (2000) sobre literatura e sociedade, dentre outros. A metodologia da pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica, de cunho explicativo-exploratório e abordagem qualitativa.

Diante da diversidade de temáticas e da organização do romance, é perceptível que o dialogismo e o plurilinguismo se manifestam nas reportagens e nas cartas enviadas ao *Jornal da Tarde* na obra *Capitães da Areia*. Isso ocorre porque as reportagens e as cartas são escritas por personagens que ocupam diferentes posições sociais dentro da narrativa: redator do jornal, secretário do chefe de polícia, juiz de menores, Maria Ricardina (costureira), padre José Pedro e o diretor do reformatório. Esses personagens discutem a mesma temática, mas apresentam pontos de vista distintos e se utilizam dos discursos uns dos outros para construir seus enunciados e defenderem suas visões ideológicas.

Dialogismo, literatura e sociedade

Ser social está intrínseco à natureza do ser humano, dado que a linguagem é indispensável em suas relações sociais. A literatura, ao incorporar a língua como forma de interação social, traz para o objeto literário a representação do dialogismo, isto é, o entrecruzamento de diferentes vozes, carregadas de ideologias, questões sociais e contextos sócio-históricos próprios.

Isso leva a afirmar que a literatura estabelece uma interconexão entre a obra e a sociedade, pois “a literatura também é um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” (Candido, 2000, p. 29). Dessa forma, a literatura também se apresenta como uma forma de representação da sociedade em que é produzida, assim como esta pode ser influenciada pelos temas, preocupações e valores que as obras comportam. É notável que o objeto literário é produzido por um autor que participa de um determinado contexto sócio-histórico-cultural e que detém determinada ideologia.

Candido (2000, p. 30) e Bakhtin (2010a, p. 01) defendem que o autor não cria do nada, isto é, a obra não nasce fora do contexto em que foi produzida, da vida social. Assim, para Candido, os valores e as ideologias fazem parte do conteúdo do objeto artístico, o que se correlaciona com a perspectiva de Bakhtin, quando este afirma que o conteúdo é axiológico, pois é preciso levar em consideração que as relações de sentido não se dão fora da unidade da cultura.

Portanto, os fatores estéticos acabam por incorporar o social, tornando esse elemento interno à obra literária. É importante mencionar que os fatores sociais passam por um processo de ressignificação, isto é, o autor transforma esses elementos sociais a partir de suas experiências, interesses e interpretações. É nesse ponto que, para Bakhtin (2010a, p. 03), o autor deve assumir sua responsabilidade social por aquilo que produz.

Entretanto, é preciso entender que as personagens, dentro dos romances, tornam-se seres sociais fictícios independentes da figura do autor e do narrador. Assim, as personagens são responsáveis por representar, em suas condutas, questões sociais, políticas, ideológicas, religiosas etc., exploradas a partir de suas relações com o meio social em que estão inseridas na obra. Dessa forma, torna-se indispensável analisar como se articulam e se relacionam os discursos dentro da narrativa.

A sociedade é construída por meio de uma diversidade de vozes sociais, que se manifestam nas relações entre os indivíduos. Por isso, compreender essas interações discursivas no interior da obra literária é fundamental para interpretar suas camadas de sentido e seu diálogo com o contexto social.

a vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, com os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal (Bakhtin, 2010a, p. 348).

O dialogismo, portanto, está intrinsecamente conectado à sociedade, visto que os enunciados só se concretizam a partir da relação responsiva com o outro. O mesmo ocorre no romance, pois os panoramas sociais em que as personagens estão inseridas também atuam intensamente na construção de seus enunciados. Os discursos das personagens caracterizam-se como plurilinguísticos e dialógicos, pois, por meio da interação social com o meio, com outras personagens, com o autor e com os narradores, constrói-se o estilo plurivocal do romance.

Dito isso, “é preciso lembrar que a linguagem, mesmo sendo mimética, ou seja, representativa de uma imagem, fato ou algo da realidade, está ligada a um tempo, a um espaço, a um contexto, à minha opinião diante do mundo, levando em consideração seus interlocutores” (Mata, 2020, p. 199). Esses fatores sociais e históricos estão sempre presentes na construção discursiva das personagens, pois estas sempre dialogam entre si e com o mundo social que as cerca.

Bakhtin e as relações dialógicas e plurilinguísticas na literatura

O romance é caracterizado por Bakhtin (2010b, p. 16) por possuir, em sua estrutura, uma multiplicidade de vozes sociais, de linguagens e a intercalação de outros gêneros. Assim, é possível identificar nesse gênero as vozes do narrador, das personagens e do autor, mas, apesar de cada um ser dono de seu próprio discurso, todos mantêm uma relação de amplo diálogo.

Esse dialogismo, no qual o enunciador produz seu enunciado, emerge de um processo de interação social e constitui a base dos estudos de Bakhtin. A interação ativa entre locutor e interlocutor, o contexto sócio-histórico e as posições ideológicas constroem e marcam os discursos dos sujeitos da enunciação. Portanto:

o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (Bakhtin, 2012, p. 117).

Nesse sentido, evidencia-se que o dialogismo não ocorre apenas no contato face a face, o escritor também transporta para sua escrita essa perspectiva dialógica, na qual personagens e narradores utilizam o discurso do outro para construir os seus, em um confronto de vozes.

Outro aspecto importante discutido por Bakhtin, na teoria do dialogismo, é o papel que o outro assume na construção dos discursos do falante, pois “a presença das palavras do outro nas palavras do eu é um dos primeiros elementos que caracterizam o conceito de dialogismo” (Scorsolini-Comin, 2014, p. 250). Assim, ao se produzir um enunciado, leva-se sempre em consideração a presença, ainda que não visível, do outro.

Essa forma de linguagem como interação social também adentra a estrutura do romance, pois as personagens se apropriam do discurso de outras para elaborar seus enunciados responsivos. No ato da construção, e também na finalização, do enunciado do locutor, há sempre a presença de outros enunciados, que podem manter uma ligação direta ou indireta.

Para Bakhtin (2010a, p. 298), o “enunciado é pleno de totalidades dialógicas”; assim, a linguagem só adquire sentido quando se torna enunciado concreto, isto é, quando se toma uma atitude responsiva. É importante frisar que as relações dialógicas discutidas por Bakhtin não são puramente linguísticas, no sentido estrito, pois, como já citado, ele defende a linguagem como uma unidade viva,

que mantém relação direta com o outro, carrega ideologias, relaciona-se com a história, com as vivências e com a cultura, carregando sentidos que lhe são socialmente atribuídos.

Essas relações dialógicas são entendidas como relações de sentido construídas a partir da interação verbal com o outro e das condições sociais dos sujeitos enunciativos. Defendendo esses pressupostos, Bakhtin (2010b, p. 72) afirma que o romance não apresenta apenas uma única voz, mas sim uma multiplicidade, denominada por ele de plurilinguismo.

E é graças a este plurilinguismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orchestra todos os seus temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo. O discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados, os discursos das personagens não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilinguismo se introduz no romance (Bakhtin, 2010b, p.74).

Os romancistas concebem o plurilinguismo por meio de uma ressonância de discursos e estilos que dialogam, apresentam visões de mundo e incorporam outros ditos em uma nova relação de sentido. Esse é considerado o verdadeiro meio da enunciação para Bakhtin (2010b, 76). Desse modo, “a verdadeira premissa da prosa romanesca está na estratificação interna da linguagem, na sua diversidade social de linguagens e na divergência de vozes individuais que ela encerra” (Bakhtin, 2010b, p. 76). A interação dinâmica entre os discursos sociais existentes no romance evidencia a heterogeneidade social e o entrecruzamento de enunciados.

O plurilinguismo no romance pode ocorrer entre os discursos do autor, do narrador e das personagens, sobre os quais se apresenta uma multiplicidade de perspectivas socioideológicas, linguagens próprias e a plurivocalidade. No âmbito do romance, os discursos das personagens trazem consigo seus próprios estilos linguísticos, que são inseridos em contextos dialógicos por meio da interação com outras personagens e com o narrador. Esses enunciados são influenciados mutuamente, em uma forma de interação dialógica dinâmica e de enriquecimento da narrativa.

Para Bakhtin (2010b, p. 90), o romance nega a existência de uma única linguagem, pois é por meio do entrecruzamento das vozes que nasce o romance plurilinguístico e se apresentam as relações dialógicas. Assim, é interessante observar que a

descentralização do mundo ideológico-verbal, que encontra sua expressividade no romance, pressupõe um grupo social fortemente marcado pela heterogeneidade, numa interação profunda e dinâmica com outros grupos sociais. O multilinguismo romanescos invade a consciência cultural e a sua linguagem relativiza e priva do caráter ingenuamente irrefutável o sistema linguístico básico da ideologia e da literatura (Amaral, 2000, p. 25).

Para o autor, o romance caracteriza-se pela grande variedade de linguagens sociais que dialogam entre si na organização literária. É importante frisar que o plurilinguismo social no romance ocorre tanto pelos discursos diretos e indiretos proferidos pelas personagens quanto pelos discursos que circulam em torno delas, isto é, os discursos do narrador e do autor-criador.

Outro aspecto que faz parte do plurilinguismo no romance, segundo Bakhtin (2010a, p. 273), é a intercalação de gêneros, na qual os gêneros primários se introduzem dentro da estrutura dos gêneros secundários (romance). Esse processo também se constitui como uma forma de interação social e dialógica no texto literário. Assim, Bakhtin traz para a narrativa do romance a discussão de que a linguagem é dialógica não apenas no mundo real, mas também no literário, pois o romance é o gênero que mais expressa a natureza dialógica da vida humana.

7

O dialogismo e o plurilinguismo nas reportagens e nas cartas enviadas ao *Jornal da Tarde*

A linguagem é concebida de forma dialógica a partir da relação entre o sujeito e o interlocutor, isto é, o eu e o outro. Essa interação ocorre por meio da relação entre diferentes vozes que pertencem a diferentes sujeitos, historicamente, culturalmente, socialmente e ideologicamente situados, podendo ser identificáveis ou não. Dito isso, é possível conceber o romance como dialógico e plurilinguístico, pois “diversas vozes podem aparecer dentro de um único texto se levamos em conta o contexto histórico, social, político, religioso, econômico, etc. das personagens de um determinado romance ou o momento em que vive o escritor” (Amaral, 2000, p. 201).

Esse conjunto de vozes sociais se apresenta no romance *Capitães da Areia*. A obra retrata a vida de um grupo de jovens abandonados pela sociedade, que moram em um trapiche e roubam para sobreviver. Por trazer em sua narrativa críticas à sociedade, como o abandono e os maus-tratos às crianças e

adolescentes, o preconceito, a falta de oportunidades e de educação, a fome, a violência e a exploração dos trabalhadores, o livro foi censurado pelo governo da época. As temáticas, as construções discursivas e a estrutura da obra evidenciam as novas significações que a literatura representa frente às representações culturais, sociais, ideológicas e plurivocais percebidas na realidade.

Dessa forma, é possível afirmar que “no romance, os pensamentos das personagens, suas falas e o discurso do narrador são representados com base no dialogismo e no plurilinguismo próprio da vida social, além de expressar as tendências evolutivas do homem e da sociedade” (Oliveira; Fronza; Costa, 2020, p. 5). O plurilinguismo e o dialogismo são percebidos em toda a estrutura do romance *Capitães da Areia*, mas verifica-se essa mistura de vozes e enunciados responsivos diretos mais explicitamente nas reportagens do jornal e nas cartas enviadas pelas seguintes personagens: o secretário do chefe de polícia, o juiz de menores, Maria Ricardina (costureira), o padre José Pedro e o diretor do reformatório. Nesse contexto, é possível observar que as personagens são marcadas por diferentes ideologias, posições sociais e visões diversificadas sobre o outro. Esses pressupostos evidenciam a inclusão do outro nos discursos da narrativa.

Um dos fatores que introduz esse romance na organização do plurilinguismo é a intercalação de gêneros. Isso pode ser observado dentro da estrutura da obra, pois o gênero secundário romance (obra geral) comporta, em seu interior, cartas enviadas por personagens, que são transmitidas pelo *Jornal da Tarde*. Além disso, apresenta-se também outro gênero dentro da obra: a reportagem, estopim para o surgimento das cartas.

Partindo da concepção de língua como elemento de interação social, o Círculo de Bakhtin e Santos (2015, p. 26), apoiados na concepção de linguagem e nos princípios do dialogismo e do plurilinguismo, instituem algumas características dialógicas dos enunciados. A primeira é a orientação para o outro, isto é, o enunciado é sempre dirigido, orientado para o outro. Nesse processo, este influencia a construção do enunciado e do qual se espera uma resposta.

Essas duas faces da linguagem tornam-se evidentes nas cartas enviadas ao *Jornal da Tarde*, que começa com uma reportagem dirigida à cidade, trazendo como temática um assalto realizado por um grupo de adolescentes e cobrando providências do juiz de menores e do chefe de polícia. Isso dá início a um longo

processo de interação verbal entre o redator do jornal, o secretário do chefe de polícia, o juiz de menores, Maria Ricardina (costureira), o diretor do reformatório e o padre José Pedro. Nessas cartas, é possível perceber que as personagens se apropriam dos discursos umas das outras para construir seus enunciados responsivos, direcionados a interlocutores específicos.

É esse princípio interacional da linguagem que constitui o dialogismo, pois “toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte” (Bakhtin/Volóchinov, 2013, p. 115). É o que ocorre na narrativa presente nessas cartas: o jornal se dirige diretamente ao secretário do chefe de polícia e ao juiz de menores: “esperamos que o ilustre Chefe de Polícia e o não menos ilustre Dr. Juiz de Menores saberão tomar as devidas providências” (Amado, 1937, p. 24). Estes, por sua vez, iniciam um diálogo entre si: “e o sr. doutor Chefe de Polícia sempre há de me encontrar onde o dever me chama” (Amado, 1937, p. 26), e com o jornal, o que leva ao envolvimento de outras personagens, como Maria Ricardina, o diretor do reformatório e o padre José Pedro.

A segunda característica dialógica apontada por Bakhtin (2010a, p. 272) é a presença de diferentes vozes sociais na enunciação, que dialogam ou se confrontam. O teórico defende a existência de uma pluralidade de vozes que constituem o processo de enunciação. Esse entrecruzamento de vozes é observado quando as personagens se apropriam, a partir de suas posições socioideológicas, dos discursos de outras personagens ou da sociedade para defenderem seus próprios posicionamentos.

Pode-se observar isso quando o jornal demonstra sua posição a respeito das crianças do grupo e do neto do comendador: “na sua inocência Raul ria para o malvado que sem dúvida pensava em furtá-lo” (Amado, 1937, p. 23). Nesse contexto, é evidente que a redação do jornal defende apenas os interesses da elite, não sendo imparcial e demonstrando, ao longo da matéria, seus condicionamentos e ideologias. Assim, a redação, considerada por si própria como “o órgão das mais legítimas aspirações da população Bahiana” (Amado, 1937, p. 21), apresenta um discurso que só ressalta a diferença de classes, enaltece a burguesia e inferioriza os considerados marginalizados.

Essa multiplicidade de vozes sociais torna-se também evidente nas reportagens e nas cartas, quando são apresentadas, nos discursos das personagens, as

vozes de uma sociedade que abandonou social e economicamente suas crianças e se isenta da culpa. Assim, pode-se observar o plurilinguismo social que se manifesta a respeito do grupo, a iniciar pelo redator do jornal, que caracteriza o grupo como: “meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe” (Amado, 1937, p. 21); o secretário do chefe da polícia: “bando de crianças delinquentes” (Amado, 1937, p. 25); o juiz de menores: “os menores delinquentes que infestam a nossa urbe” (Amado, 1937, p. 26); Maria Ricardina: “os pobres” (Amado, 1937, p. 28); o padre: “jovens corações tão dignos de piedade” (Amado, 1937, p. 30); e o diretor do reformatório: “bando de delinquentes que amedronta a cidade e impede que ela viva sossegadamente” (Amado, 1937, p. 31).

Ocorre, na narrativa das cartas, o confronto entre duas vozes centrais, que demonstram a heterogeneidade do discurso literário, evidenciado pelas falas da elite, que responsabilizava os próprios jovens pela vida marginalizada que levavam, e nos discursos da classe baixa, que responsabilizava a sociedade e os governantes pelo descaso social, por apenas discriminar os jovens e, com isso, provocar sua separação da sociedade, o que fez com que perdessem a inocência e as experiências da infância, tendo que recorrer a outros métodos para sobreviver.

Assim, a primeira voz central é a da classe dominante, que apresenta vozes sociais segregadoras e que buscam reduzir as crianças à categoria de criminosos, como pode-se observar na fala do juiz de menores:

não tenho culpa, porém, que fujam, que não se impressionem com o exemplo de trabalho que encontram naquele estabelecimento de educação e que, por meio da fuga, abandonem um ambiente onde se respira paz e trabalho e onde são tratados com o maior carinho. Fogem e se tornam ainda mais perversos, como se o exemplo que houvessem recebido fosse mal e daninho. Porque? Isso é um problema que aos psicólogos cabe resolver e não a mim, simples curioso da filosofia (Amado, 1937, p. 27).

E na fala do diretor do reformatório: “Elas os criam na rua, na pândega, e como eles aqui são submetidos a uma vida exemplar, elas são as primeiras a reclamar, quando deviam beijar as mãos daqueles que estão fazendo dos seus filhos homens de bem” (Amado, 1931, p. 31).

Em contrapartida a esse discurso de segregação social por parte da elite, apresenta-se a segunda voz central evidenciada nas cartas: a dos menos favorecidos, que expressam claramente seu descontentamento com o

comportamento dos grupos mais abastados da sociedade em relação aos jovens abandonados. Isso pode ser verificado na fala de Maria Ricardina:

Eu queria que seu jornal mandasse uma pessoa ver o tal do reformatório para ver como são tratados os filhos dos pobres que têm a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma. Meu filho Alonso teve lá seis meses e se eu não arranjasse tirar ele daquele inferno em vida, não sei se o desgraçado viveria mais seis meses. O menos que acontece pros filhos da gente é apanhar duas e três vezes por dia. O diretor de lá vive caindo de bêbedo e gosta de ver o chicote cantar nas costas dos filhos dos pobres. Eu vi isso muitas vezes porque eles não ligam pra gente e diziam que era para dar exemplo (Amado, 1937, p. 28).

Essa dualidade entre o discurso dos menos favorecidos e o da classe dominante torna-se exposta também no final das cartas, pois, quando convidada a comparecer de surpresa ao reformatório, após as denúncias da costureira e do padre, a redação do jornal comparece apenas no dia indicado pelo diretor, que determina um dia “específico” para a visita. Após esse evento, o jornal continua a privilegiar os interesses da elite e a reproduzir os mesmos discursos do diretor do reformatório: “UM ESTABELECIMENTO MODELAR ONDE REINA PAZ E TRABALHO” (Amado, 1937, p. 33, grifos do autor) e a reforçar as ideologias e os discursos da sociedade da época em relação às crianças do grupo: “CRIANÇAS LADRONAS EM CAMINHO DA REGENERAÇÃO — ACUSAÇÕES IMPROCEDENTES — SÓ UM INCORRIGIVEL RECLAMA” (Amado, 1937, p. 33, grifos do autor).

Essas reportagens demonstram sensacionalismo nas notícias, com julgamentos evidentes que induzem ainda mais a sociedade a não se compadecer com os jovens de rua. Outro ponto que denuncia a posição ideológica do jornal consiste no fato de que as cartas das pessoas da classe dominante são todas publicadas na primeira página do jornal, com comentários elogiosos, como pode ser visto ao final da publicação da carta do secretário do chefe de polícia: “Publicada em primeira página do Jornal da Tarde, com clichê do chefe de polícia e um vasto comentário elogioso” (Amado, 1937, p. 25, grifos do autor); e na publicação da carta do juiz de menores: “Publicada no Jornal da Tarde com o clichê do juiz de menores em uma coluna e um pequeno comentário elogioso” (Amado, 1937, p. 27, grifos do autor).

Já a carta de Maria Ricardina, costureira e pobre, é exposta na quinta página, sem elogios e entre anúncios: “Publicada na quinta página do Jornal da Tarde,

entre anúncios, sem clichês e sem comentários” (Amado, 1937, p. 29, grifos do autor). A carta do padre, por este ser um membro da sociedade que ainda mantém certo poder, aparece na terceira página do jornal, com um título que instiga os leitores a duvidar da veracidade dos fatos expostos: “Carta publicada na terceira página do Jornal da Tarde, sob o título ‘Será Verdade?’ e sem comentários” (Amado, 1937, p. 30, grifos do autor).

A terceira marca dialógica dos enunciados, para Bakhtin (2010a, p. 280), é a relação imediata entre os enunciados já referidos e os novos, visto que “o enunciado se determina não só por sua relação com o objeto e com o sujeito – ‘autor’ falante [...], mas também, sendo isso que nos interessa, por sua relação imediata com os outros enunciados dentro dos limites de uma esfera de comunicação” (Bakhtin, 2010a, p. 351, grifos do autor). Na interação verbal, ocorre um processo de diálogo entre os enunciados já ditos e os novos. Estes se constroem a partir daqueles como respostas e caracterizam os fios dialógicos da interação social. Pois,

todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro. É sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio (Fiorin, 2006, p. 52).

12

Isso fica evidente nas relações dialógicas expostas em todas as cartas enviadas ao *Jornal da Tarde*, mas destacam-se três momentos em especial: inicialmente, quando o secretário do chefe da polícia, após ser citado na matéria, se apropria das afirmações apresentadas e formula sua resposta: “Pelo exposto fica claramente provado que a polícia não merece nenhuma crítica pela sua atitude em face desse problema. Não tem agido com maior eficiência porque não foi solicitada pelo juiz de menores” (Amado, 1937, p. 25); posteriormente, nota-se essa relação do já dito e do novo também na fala do juiz de menores:

tomei conhecimento de uma epístola do infatigável doutor chefe de polícia do Estado, na qual dizia dos motivos por que a polícia não pudera até a data presente intensificar a meritória campanha contra os menores delinqüentes que infestam a nossa urbe. Justifica-se o doutor chefe de polícia declarando que não possuía ordens do juizado de menores no sentido de agir contra a delinqüência infantil. Sem querer absolutamente culpar a brilhante e infatigável chefia de polícia, sou obrigado, a bem da verdade essa mesma verdade que tenho colocado como o farol que ilumina a estrada da minha vida com a sua

luz puríssima, a declarar que a desculpa não procede. Não procede, senhor diretor, porque ao juizado de menores não compete perseguir e prender os menores delinqüentes e, sim, designar o local onde devem cumprir pena, nomear curador para acompanhar qualquer processo contra eles instaurado, etc. Não cabe ao juizado de menores capturar os pequenos delinqüentes. Cabe velar pelo seu destino posterior (Amado, 1937, p. 26).

Nota-se que existe a apropriação dos enunciados antes apresentados no jornal, e é a partir desses que os falantes elaboram seus discursos, sendo tangível o entrecruzamento das vozes em uma relação de alteridade e responsividade direta ao outro. No entanto, o processo interacional dialógico, na narrativa, ocorre de forma a incorporar ainda mais vozes sociais, o que dinamiza e enriquece o romance.

Por fim, isso também pode ser verificado mais explicitamente no discurso de Maria Ricardina: “Vi no jornal uma notícia sobre os furtos dos ‘Capitães da Areia’ e logo depois veio a polícia e disse que ia perseguir eles e então o doutor dos menores veio com uma conversa dizendo que era uma pena que eles não se emendavam no reformatório para onde ele mandava os pobres” (Amado, 1937, p. 28). Observa-se que essa relação dialógica entre as falas das personagens ocorre de forma intencional, na qual, a partir de suas posições socioideológicas situadas, as personagens se apropriam dos enunciados das outras para defenderem suas visões de mundo, para contradizer, reforçar ou modificar os discursos já ditos.

A quarta característica do dialogismo, segundo Volóchinov (2013, p. p.71-100 *apud* Santos, 2015, p. 27), é a adequação ao contexto enunciativo, isto é, para que os enunciados mantenham relações de sentido, é preciso que ocorra uma adequação ao contexto extraverbal, um compartilhamento dos discursos entre os interlocutores e uma valoração da situação compartilhada pelos falantes. Essas premissas discursivas também são evidenciadas nas relações dialógicas presentes nas cartas enviadas à redação, pois, apesar das diferenças de classe, todas as personagens fazem parte da mesma sociedade.

Destarte, pode-se perceber enunciados recorrentes nas falas das personagens que compartilham o mesmo *status* social, como é o caso do redator do jornal, do secretário do chefe de polícia, do juiz de menores e do diretor do reformatório, que discriminam as crianças e defendem a classe dominante, em contraste com os discursos da costureira e do padre, que defendem o grupo dos Capitães da Areia.

Além disso, observa-se que há um compartilhamento dos discursos por tratarem todos do mesmo assunto, o grupo Capitães da Areia, no qual cada personagem expressa sua construção discursiva. Alguns, como já mencionado, são bem próximos, mas mesmo esses possuem marcas discursivas individuais, visto que cada um defende seus próprios interesses, como é o caso do secretário do chefe de polícia, que, mesmo condenando o grupo de crianças, ataca diretamente o juiz de menores: “não tem agido com maior eficiência porque não foi solicitada pelo juiz de menores” (Amado, 1937, p. 25).

Também é apresentada a valoração da situação compartilhada, pois, como forma de se isentar da responsabilidade com as crianças ou para denunciar situações, cada personagem tem o cuidado de elaborar seu discurso e passar a responsabilidade sobre o descaso social com o grupo para o outro.

Por fim, há as marcas valorativas/ideológicas dos interlocutores, pois a ideologia social se manifesta não apenas na linguagem, mas também na figura do ouvinte ou falante-ouvinte, visto que “todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais” (Bakhtin/Volóchinov, 2012, p. 15). Observa-se que há uma diferença de tratamento em relação ao grupo, de acordo com a classe social e os interesses do falante, o que corrobora a afirmação de que a linguagem não é neutra, mas social, ideológica e historicamente construída.

Essa marca dialógica fica extremamente evidente nos enunciados de todas as personagens, mas também quando o diretor do reformatório, após ser acusado por uma costureira, representante da classe popular, e por um padre, que detém certa posição de influência na sociedade, de maus-tratos em relação aos menores, decide ignorar a mulher: “Quanto à carta de uma mulherzinha do povo, não me preocupei com ela, não merecia a minha resposta” (Amado, 1937, p. 31). Vê-se que o diretor a considera uma pessoa sem relevância social e, portanto, indigna de uma resposta direta, respondendo apenas ao padre: “O que me abismou, sr. Diretor, foi a carta do padre José Pedro. Esse sacerdote, esquecendo as funções do seu cargo, veio lançar contra o estabelecimento que dirijo graves acusações” (Amado, 1937, p. 31). Novamente, apresentam-se na narrativa vozes sociais que inferiorizam os desfavorecidos socialmente.

Essas posições valorativas dos falantes podem ser observadas também no tratamento que a classe dominante dispensa a si mesma, por exemplo, na forma como o juiz de menores, após ter sido citado pelo secretário do chefe de polícia por não tomar providências a respeito dos Capitães da Areia, ainda se refere a

ele de maneira prestigiosa: “sem querer absolutamente culpar a brilhante e infatigável Chefia de Polícia” (Amado, 1937, p. 26). Do mesmo modo, observa-se isso na forma como o diretor do reformatório se refere ao jornal: “o brilhante órgão da imprensa bahiana, que com tão rutila inteligência dirigis, tem feito contra os crimes apavorantes dos ‘Capitães da Areia’” (Amado, 1937, p. 31). Esse diálogo ideológico demonstra que a posição social dos interlocutores também influencia o processo de criação responsiva dos enunciados.

É importante ressaltar que essas marcas dialógicas dos enunciados, surgidas a partir dos estudos de Bakhtin, mesmo que apresentadas separadamente neste trabalho, manifestam-se na linguagem de forma imbricada, isto é, aparecem nos enunciados de maneira inseparável.

Considerações finais

Todas essas discussões levam ao reconhecimento de que o romance se constitui como dialógico e plurilíngue, características que enriquecem a narrativa e favorecem as inter-relações de diferentes pontos de vista dentro de uma mesma obra. O dialogismo se apresenta como um dos princípios fundamentais da linguagem, pois concebe a noção de língua como um objeto vivo, baseado na interação sócio-verbal entre os indivíduos.

A obra *Capitães da Areia*, do escritor Jorge Amado, foi escrita em um período histórico conturbado e traz diversas denúncias relativas à Bahia da década de 1930. Classifica-se como um romance plurilinguístico por apresentar uma multiplicidade de vozes por meio de personagens que, embora compartilhem o mesmo ambiente, expressam posições discursivas e sociais distintas. No romance, Jorge Amado utiliza a linguagem como ferramenta para compreender os discursos vigentes na época, retratando múltiplas perspectivas que refletem os valores e ideologias que moldavam as relações daquela época.

Desse modo, nas cartas enviadas ao *Jornal da Tarde*, é possível verificar a presença de múltiplas vozes sociais que carregam e revelam posicionamentos morais, éticos e ideológicos. Em especial, apresentam-se os discursos da classe mais rica em contrapartida à classe menos favorecida, que, durante a narrativa, se entrecruzam e dialogam ativamente para a construção de novos enunciados. Assim, por meio dos recursos literários utilizados pelo autor, foi possível observar as estruturas de poder que dominavam a sociedade daquele período e verificar como elas reforçavam ainda mais a exclusão dos adolescentes de rua.

Nessas interações dialógicas e plurilíngues evidenciadas nas cartas, foi possível notar que as personagens se apropriam das vozes das outras, algumas vezes para reafirmar a visão já exposta, outras vezes para contradizê-las. Outro aspecto observado nas vozes dialógicas das personagens é a manifestação de posições ideológicas construídas a partir do meio social e dos julgamentos valorativos em relação aos sujeitos da enunciação.

É válido acrescentar que estes pressupostos evidenciam que o romance apresenta uma diversidade de visões de mundo e que os fatores sociais influenciam diretamente a produção comunicativa das personagens. Assim, *Capitães da Areia* ratifica que as personagens da classe dominante são atravessadas por discursos já estratificados pela sociedade daquele período, na qual as marcações sociais do preconceito em relação às crianças são percebidas em seus enunciados. Outro fato perceptível no objeto de estudo deste trabalho é que o *Jornal da Tarde* se revela como veículo de dominação de classes e de reprodução de ecos sociais, pois ocorre a prevalência das vozes socialmente definidas em relação aos discursos da classe menos favorecida, que tentava expor as injustiças e as desigualdades sofridas pelas crianças do grupo.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. Rio de Janeiro: José Olympo Editora, 1937.
- AMARAL, Maria de Fátima Carvalho do. Bakhtin e o Discurso do Romance: um caminho para a releitura da narrativa brasileira. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, p. 112, 2000.
- BAKHTIN, M. (V. N. Volóchinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13. ed. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução do russo Aurora Fornoni Bernardini; José Pereira Junior [et al]. São Paulo: Hucitec, 2010.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. In.: CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. Editora Ática, São Paulo: 2006.
- MATA, Carlos Magno da. O plurilinguismo bakhtiniano em Memórias Póstumas de Brás Cubas. *Revista Porto das Letras*, Vol. 06, Nº especial. 2020.

OLIVEIRA, Livia Maria R. S.; FRONZA, Cristiane V. da S.; COSTA, Thaisa Lúcia L. da. Interações sociais e interdiscursividade no romance contemporâneo de Clarice Lispector: uma análise à luz do Dialogismo Bakhtiniano. *Revista Linguística, literatura e educação: teorias, práticas e ensino*, João Pessoa: Ideia, 2020, p. 84-95.

SANTOS, Andre Cordeiro dos. Linguagem e construção de sentido: o dialogismo como característica base da interação verbal. *Odisseia*, Natal, RN, n. 15, p. 18-30, jul.-dez. 2015.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Diálogo e dialogismo em Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: contribuições para a educação a distância. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.30, n.03, p.245-265, julho-setembro 2014.

VOLÓCHINOV, V. Palavra na vida e palavra na arte: introdução ao problema da poética sociológica. *In: VOLÓCHINOV, V.. A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João editores, 2013.

Enviado em: 30 de julho de 2024

Aprovado em: 01 de junho de 2025